



Imagem, imaginação e corpos nas tecnologias do cuidado

Maria Christina Barra¹

Resumo

A proposta deste trabalho é apresentar algumas indagações sobre o lugar da imagem nas tecnologias do cuidado tanto no corpo de quem cuida como no corpo de quem é cuidado. Partindo da expressão “corpo síntese” do indígena *Yepamahsã* (Tukano) João Paulo Barreto e do conceito de sensível de Emanuele Coccia, propõe-se experimentar através de perguntas o lugar da imagem ou do ato da imaginação na eficácia das ações de cuidado. Considerando as diferenças ontológicas na feitura dos corpos, para onde vão as imagens produzidas por nós? Que feitos e efeitos produzem nos corpos? O que pode causar uma planta enquanto imagem em diferentes corpos? E um medicamento? E um bicho das águas ou das serras? E um vírus ou uma bactéria? Mais do que apresentar reflexões, busca-se aqui abrir espaços para experimentações sensíveis da eficácia das imagens ou da imaginação como participação ao “mundo da vida” nas tecnologias do cuidado.

Palavras-chave: imagem e imaginação, corpo, tecnologias do cuidado

O sonho é uma linguagem, os cantos dos animais são uma linguagem de comunicação, de interação, os barulhos da floresta são uma linguagem, o corpo por si só já é uma linguagem síntese do cosmo.

João Paulo Barreto

Introdução

As indagações apresentadas neste texto brotaram no meu pensamento a partir de uma imagem ou melhor dizendo de um ato de imaginação. Não quero, contudo, dizer que, para as pessoas que me deram a ver essa imagem, algumas mulheres e alguns homens indígenas da Região das Serras na Terra Indígena Raposa Serra do Sol, esse ato figure como imaginação. Considerando as diferenças nas feitura dos corpos, os nossos, não indígenas, e os deles, indígenas, tudo me levar a crer que não. Esclareço assim, que diante de um “modo

¹Doutorado/Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG.

incompreensível para nós”², o que essas indagações alcançam encontra-se no limite próprio da feitura de meu corpo. Dizem respeito aos pensamentos, aos afetos, às impressões e percepções de um corpo feito no modo de vida ocidental.

Foi o bicho paca que me levou à todas essas indagações: em sua imagem e no ato de ser imaginado.

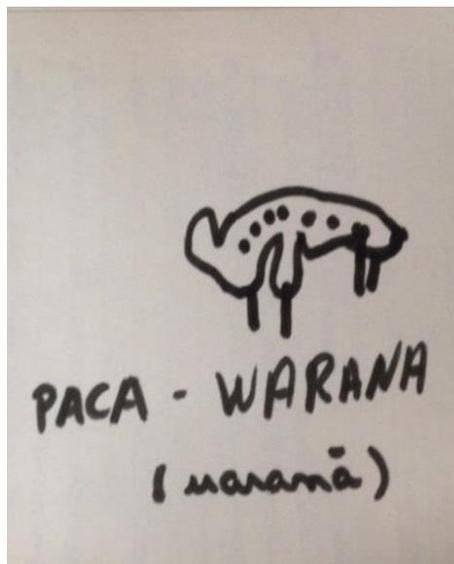


Figura 1 Desenho da parteira macuxi D. Ana.

Fonte: Encontro de parteiras, rezadores e pajés TIRSS, 2015.

Nos anos de 2015 a 2019, participei dos encontros de parteiras, rezadores e pajés “Revivendo nossa cultura e nossa sabedoria indígena” realizados a cada 06 meses na Região das Serras na Terra Indígena Raposa Serra do Sol. Nesses encontros entre indígenas macuxi, wapichana, taurepang, patamona e ingaricó que habitam a região, mulheres e homens mais velhos ensinam aos mais jovens modos de cuidado, entre eles, as rezas.

A reza mais falada e ensinada por eles é a reza da paca que faz nascer o bebê. A explicação é simples: “quando a paca está no buraco, ela tem dois suspiros, um que entra e outro que sai e ela é muito esperta. Quando alguma coisa chega perto de um buraco, ela espirra no outro.” “Ela desliza, é lisinha!” assim como o bebê deve ser e fazer na barriga da mãe. Nessa reza, o “personagem” é a paca.

²Refiro-me à Lévy-Bruhl ao qualificar “como incompreensível para nós”, o modo do pensamento indígena, no qual “coisas, seres e fenômenos podem ser tanto eles mesmos como qualquer coisa outra do que eles mesmos”. Eles “dão e recebem poderes místicos, virtudes, qualidades, influências, que os fazem ser sentidos fora, sem cessar de permanecer onde estão” (Lévy- Bruhl 1985: 76 -77, tradução minha).

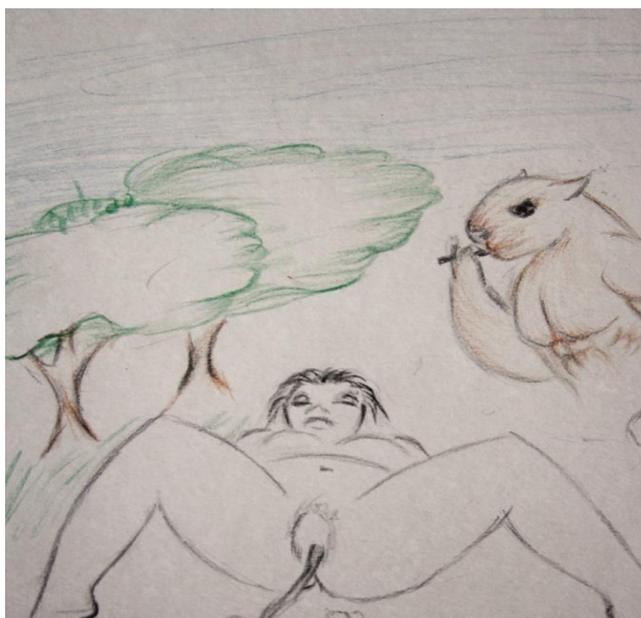


Figura 2 Reza da paca: desenho de Gedeão.
Fonte: Caderno de Parteiras da Região das Serras, 2019.

As rezas e seus personagens

Segundo um rezador macuxi “cada reza tem seu personagem”. Nos encontros de parteiras, rezadores e pajés, quando as rezas são ensinadas para os mais jovens, apresenta-se primeiro o “personagem” e depois, a oração. Os “personagens” são, em sua maioria, plantas ou animais. Além da paca são também “personagens”, o tamanduá, a cobra caninana, a cobra sucuri, o catitu, a minhoca, o cajuzinho do mato, o mirixi, entre outros. Figuram ainda como “personagens”, constelações, fenômenos naturais e alguns objetos tais como a gilete ou a navalha.

Nas rezas ou orações, os “personagens” são chamados a agir de acordo com características próprias necessárias a uma determinada situação:

Quando vejo que o bebê está atravessado na barriga da mãe, faço a reza do boiaçu e da samaumeira. Sabe o ninho de passarinho que agarra na samaumeira? Então reza-se para o boiaçu, que é a estrela que aparece no final da noite e que traz o vento e a chuva e limpa a samaumeira. A gente chama também de reza das chagas. A chuva e o vento limpam os troncos que caem virados e ficam atravessados assim como o bebê na barriga da mãe. A reza assim como a chuva e o vento, muda a posição do bebê e facilita a saída. Vira o bebê! (fala de um rezador e parteiro macuxi durante os encontros).

Neste caso, os “personagens” da reza são a estrela boiaçu, a sumaumeira, a chuva e o vento. Eles são chamados através da reza. Além do “personagem”, a reza é composta de palavras em macuxi que contam uma história. Essas palavras na forma de uma oração devem ser repetidas um número de vezes que varia de acordo com cada rezador. Não só o número de repetição, mas também o tamanho da oração é variável como ensina um rezador macuxi: “cada benzedor tem sua oração diferente, tem umas mais compridas, outras mais curtas”. Explica ainda que é necessário “ajeitar a oração” de acordo com a pessoa, o momento e a situação: “sempre quando eu rezo, eu procuro saber a história da pessoa, aí eu ajeito a reza”.

Esses homens e mulheres indígenas dizem que, ao rezar, “chamam” as agências da natureza para ajudar. Assim, chamando a paca, a estrela boiaçu e a sumaumeira através de suas rezas, esses seres realizam uma ação que relaciona um som a uma imagem. A palavra “chama” uma imagem estabelecendo um tipo específico de presença, “uma presença que é associada a uma ausência” (Severi 2015, Introdução). A imagem ou o processo da imaginação “tem o poder de tocar o que está ausente, tornando presente aquele que está distante” (Alloa 2015: 10). Os animais, plantas, estrelas e objetos distantes ou ausentes são assim “chamados” e se tornam presentes enquanto imagem para agir em situações nas quais suas características específicas podem ser eficazes.

Os personagens são chamados a agir por suas qualidades sensíveis. É a paca mesmo, em seu ser liso e em seu deslizar, que vai agir no corpo da mulher e da criança. Essa ação se faz através de uma associação sensível das características do animal desejáveis no momento do parto e numa analogia imagética de situações distintas. A paca é chamada e chega à mulher e ao bebê por sua imagem em um ato de imaginação.



Figura 3 Desenhos da parteira macuxi Delcineide.
Fonte: Encontro de parteiras, rezadores e pajés, TIRSS, 2015.

As rezas, as imagens e a imaginação

Um rezador quando profere as palavras de uma reza restitui ao mundo a imagem do “personagem” que antes foi recebido por ele³, exatamente pela equivalência de suas qualidades sensíveis a uma realidade objetiva. A reza da paca se ajeita a partir de aproximações e distinções sensíveis, “um testemunho da sensibilidade” (Lévi-Strauss 2008: 27), estabelecendo relações a partir da percepção e da imaginação (*ibidem*: 30)⁴. Percepção e imaginação são modos de cuidado que conferem ação de eficácia às características sensíveis observadas no mundo ao redor. Neste caso, “a transformabilidade dos corpos e a comunicação de interioridades que neles se escondem são um dado da experiência” (Severi; Lagrou 2013: 13). A imagem da paca não apresenta uma relação direta com a materialidade física das coisas, é uma imagem invisível produzida através das palavras da reza e que opera nos corpos a partir da eficácia da imaginação, não sendo assim um processo “engendrado” apenas “em um espaço mental” (*ibidem*: 12). A imagem da paca desenhada pelas palavras da reza tem um efeito de corpo.

Como tecnologia do cuidado, a reza produz, em suas palavras, imagens de seus personagens. Essas imagens não são frágeis, é possível fazer delas uma ciência (Boehm 2015: 26). Por sua força e eficácia, as imagens têm um efeito de corpo: agem nos corpos que as recebem. A força da imagem se dá pela capacidade de sua forma fluir entre os seres: “lá onde há uma imagem, há influência” (Coccia 2010: 73). Ao receber uma imagem, sofre-se uma influência que pode ou não ser percebida, “pois sofrer uma influência não quer dizer transformar-se” (*ibidem*). É quando essas imagens agem no corpo operando sentido na restituição do sensível ao mundo, que há transformação.

As rezas restituem o sensível ao mundo. As imagens dos personagens dão a ver o mundo, o “meio sensível” (Coccia 2010: 45) em que se influenciam os seres e as coisas: a paca, a terra, a mulher, o bebê. Todas essas realidades imagéticas se fazem em diferentes graus de intensidade e experiência, dependendo de como, onde e por quem são efetivadas.

³A palavra enquanto linguagem, “a atividade mais espiritual que a antropologia costuma reconhecer ao homem”, é a uma forma de restituição do sensível ao mundo. “Ela é a relação com meio especial que faz existir o sensível” (Coccia 2010: 47).

⁴Por “testemunho da sensibilidade”, Lévi-Strauss sugere uma lógica do sensível como se as características de forma, cor, cheiro dos objetos, animais ou plantas pudessem dar ao observador “o que se poderia chamar de direito de seguir, ou seja, de postular que essas características visíveis sejam o índice de propriedades igualmente singulares, porém ocultas”. Uma equivalência imagética que “satisfaz o sentimento estético” e ao mesmo tempo “corresponde a uma realidade objetiva” (2008: 31).

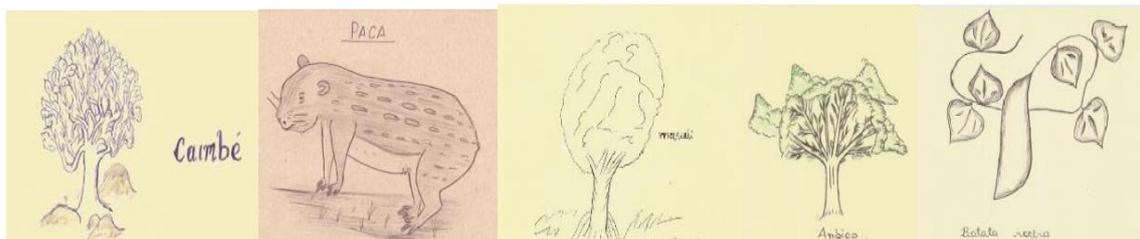


Figura 4 Desenhos dos estudantes da Região das Serras
Fonte: Caderno das Plantas Medicina, 2017.

Possivelmente, esses graus de intensidade e experiência dependem dos modos de feitura dos corpos que produzem certa condição de “participação” no “mundo da vida” (Coccia 2010:44). Na Região das Serras, corpos múltiplos e participáveis – plantas, pedras, animais, estrelas, objetos – são chamados através das rezas para agir em outros corpos, também participáveis, das pessoas e de diversas maneiras. Uma dessas maneiras é para curar. “Curar” adquire diferentes sentidos nas falas dessas pessoas. Diz de “curar o corpo” e diz de “curar doenças”. “Curar o corpo” na Região das Serras é fazer este corpo participável, um corpo “*mundo da vida*”. É preparar o corpo para a vida. Os personagens das rezas emprestam suas qualidades sensíveis a corpos participáveis. Suas imagens produzem efeitos de corpo. A paca faz escorregar o bebê. A estrela boiaçu junto a chuva e ao vento ajeita o bebê na barriga da mãe. São “personagens” das rezas e são agentes de cuidado do corpo, do “corpo síntese” do mundo (Barreto 2020: 45).



Figura 5 Corpo natureza: desenho de Robério.
Fonte: Caderno das Parteiras da Região das Serras, 2019

Sabendo esses corpos síntese e mundo participáveis, o sabem também vulneráveis, pois estão abertos, em diferentes graus de intensidades, a tudo ao redor. São participáveis no curar para a força da vida, mas também, nas imagens dos bichos das serras e das águas, no adoecer e no perigo da morte.



Figura 6

Menina, sangue, bichos das serras, bichos das águas:
desenho de Gedeão.

Fonte: Caderno de Parteiras da Região das Serras, 2019.

Considerações Finais

As indagações que brotaram no meu pensamento a partir da imagem da paca dizem das diferenças ontológicas na feitura dos corpos. Parece não caber ainda em “nossos corpos” a eficácia da imagem da paca que faz escorregar bebês, nem da imagem da estrela que o ajeita na barriga da mãe. Isto não quer dizer que os corpos feitos no modo de vida ocidental não são participáveis à força e à eficácia da imagem. O que parece diferenciar são os diferentes graus de intensidade e participação na experimentação da imagem. Não digo apenas da imagem que se dá a ver, mas também da “*imagem em nós*”: “as imagens do sonho, as representações ou imagens mentais, essa misteriosa faculdade interior chamada imaginação ou fantasia” (Boehm 2015: 24). Resta saber assim, quais imagens, ao passar por esses corpos, são restituídas ao

mundo sensível e em que grau de intensidade e experiência a lhes conferir força e eficácia de ação.

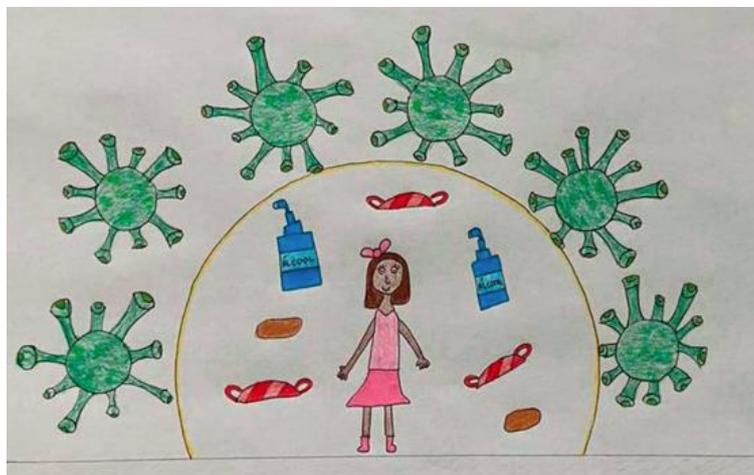


Figura 7 Desenho de Sarah Jandrey Voss, 11 anos

Fonte: <https://poracaso.ocp.news/cotidiano/desenhos-criancas-pandemia-covid-coronavirus-quarentena/>

Referências

- ALLOA, Emmanuel. 2015. “Entre a transparência e a opacidade – o que a imagem dá a pensar”. In *Pensar a Imagem*, Emmanuel Alloa (org). – 1ª ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- BARRA, Maria C. 2010. *Transformações dos corpos: um estudo do conceito de corpo enawenenawe*. Dissertação de mestrado em Antropologia, UFMG.
- BARRETO, João Paulo Lima. 2021. *Kumuã na kahtiroti-ukuse: uma “teoria” sobre o corpo e o conhecimento-prático dos especialistas indígenas do Alto Rio Negro*. Tese de doutorado. Universidade Federal do Amazonas- UFAM.
- BOEHM, Gottfried. 2015. “Aquilo que se mostra. Sobre a diferença icônica”. In: *Pensar a Imagem*, Emmanuel Alloa (org) – 1ª ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- COCCIA, Emanuele. 2010. *A vida sensível*. Florianópolis. Cultura e Bárbarie.
- COCCIA, Emanuele. 2015. Física do sensível – pensar a imagem na Idade Média. In *Pensar a Imagem*, Emmanuel Alloa (org) – 1 ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- COCCIA, Emanuele. 2018. *A vida das Plantas: uma metafísica da mistura*. Florianópolis. Cultura e Bárbarie.
- ESBELL, Jaider. 2018. “Makunaima, o meu avô em mim!” *Illuminuras*, Porto Alegre, 19(46):11-39.

FIOROTTI, Devair. 2015. “Canaimé ou com medo do rabudo”. *XI Encontro Regional Sudeste de História Oral*.

GOLDMAN, Márcio. 1994. *Razão e diferença: afetividade, racionalidade e relativismo no pensamento de Lévy-Bruhl*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora GRYPHO.

GREINER, Christine. 2005. *O corpo: pistas para estudos indisciplinados*. São Paulo. Annablume.

HUBBERMAN, Didi. 2010. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Editora 34.

HUBBERMAN, Didi. 2015. “Devolver uma imagem”. In: *Pensar a Imagem*, Emmanuel Alloa (org) – 1ª ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 2008. *O pensamento selvagem*. Campinas, SP: Papyrus 1989. 8ª edição.

LÉVY-BRUHL, Lucien. 1985. *How natives think*. Princeton University Press, UK.

SEVERI, Carlo. 2015. *The Quimera Principle: an anthropology of memory and imagination*. Hau Books.

SEVERI, Carlo; LAGROU, Else. 2013. *Quimeras em diálogo: grafismos e figuração nas artes indígenas/ organização Carlo Severi; Els Lagrou*. – 1. ed. – Rio de Janeiro: 7 Letras.